



Os campos agrícolas na Ucrânia — país que é um dos principais produtores de cereais à escala global — estão a ser dizimados pela guerra e as sementeiras deste ano estão perdidas

FOTO SERGEY BOBOK/GETTY IMAGES



económicas”, diz a vice-presidente da Associação Têxtil e Vestuário de Portugal (ATP). Isabel Furtado admite um “significativo” abrandamento das exportações em 2022. Salienta também que a guerra surge no rescaldo da pandemia “e põe em causa a sobrevivência de muitas empresas desta área, sobretudo as que dependem da importação de matérias-primas e têm elevado consumo de energia”. Isto num contexto em que as fibras têxteis derivadas do petróleo, como o poliéster, poderão sofrer ainda maiores aumentos de preço.

#### Calçado corta previsões

A mesma tônica de incerteza é dada pelo sector do calçado, embora Rússia e Ucrânia representem cerca de €20 milhões nas exportações. “Não sabemos como o conflito vai evoluir. Pensávamos que o pior da pandemia já tinha passado e há uma semana prevíamos que 2022 seria excepcional para o sector do calçado, mas a realidade está a desmentir a previsão”, afirma Paulo Gonçalves. O porta-voz da APICCAPS (Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado, Componentes, Arrigos de Pele e seus Sucedâneos) salienta o receio de um “efeito dominó” na Europa. “As prioridades mudam com a guerra, as pessoas vão ficar mais preocupadas com bens de primeira necessidade”, acrescenta.

Marcelo Sousa, administrador da Matecerâmica, partilha da apreensão com os custos da energia e do gás, não diretos na produção mas em tudo o que lhe está associado. O responsável salienta que Rússia e Ucrânia não são mercados muito relevantes, o que não acontece com a Alemanha, a maior economia europeia. Num cenário de escalada de sanções e contras-sanções, um eventual racionamento do gás na Alemanha provocaria o tal “efeito dominó” no mercado europeu. “Ainda só estamos a ver a ponta do icebergue”, salienta.

hmartins@expresso.impresa.pt

## Economia deve crescer na casa dos 5%

**Incerteza é a palavra mais ouvida aos economistas, por causa da guerra na Ucrânia, mas continuam a esperar uma aceleração este ano**

A economia portuguesa surpreendeu pela positiva em 2021 e o comportamento dos indicadores em janeiro e fevereiro deste ano foi favorável. Em suma, o caminho parecia aberto para um forte crescimento em 2022. Mas, a guerra na Ucrânia veio baralhar as contas. A palavra que o Expresso mais ouviu aos economistas foi “incerteza”. Ainda assim, falam numa expansão em torno, ou acima, dos 5%. Ou seja, acelerando face aos 4,9% de 2021 — o valor mais alto desde 1990 —, depois do tomo histórico de 8,4% em 2020.

Paula Carvalho, economista-chefe do BPI, destaca que a dinâmica do quarto trimestre de 2021 “foi bastante positiva, assim como praticamente todos os indicadores dos dois primeiros meses de 2022”. Como resultado, “se a situação externa estivesse normalizada iríamos rever em alta a nossa projeção para próximo de 6%”. Até porque, o “efeito de arrastamento, matemático, derivado da dinâmica do PIB em 2021, é bastante positivo se a atividade estagnasse todos os trimestres de 2022, ainda assim o PIB anual de 2022 aumentaria 3,7%”, destaca. Contudo, o conflito na Ucrânia “acarreta riscos negativos, dada a escalada dos preços da energia, o possível impacto sobre o turismo e o arrefecimento das principais economias parceiras, sobretudo no centro e norte da Europa”, e “optamos por manter a nossa previsão em 4,9%”. Também o Santander mantém, para já, a sua projeção de crescimento, entre 5% e 5,5%, “embora os riscos estejam envidescados no sentido negativo”, reconhece Bruno Fernandes, economista do banco.

“O desempenho muito favorável da economia portuguesa em 2021 sugere uma forte aceleração em 2022, suportada pela execução dos investimentos associados ao Plano de Recuperação e Resiliência, pela retoma do turismo, num quadro de maior controlo da pandemia, e pelo dinamismo do consumo, suportado pela melhoria do mercado de trabalho e pela poupança acumulada”, diz Mária Rodrigues, economista do Millennium bcp. Contudo, “os riscos associados ao conflito entre Rússia e Ucrânia levaram-nos a rever a nossa previsão em baixa, de valores ligeiramente acima de 6% para 5,5%”. Fica, assim, alinhada com a da Comissão Europeia. Já para Pedro Brinca, economista e professor da Nova SBE, “dada a incerteza que a situação geopolítica traz, quaisquer números apontados para 2022 serão meramente indicativos”.

#### Infração preocupa

Quais os efeitos desta guerra para a economia portuguesa? Rússia e Ucrânia valem pouco nas exportações de bens — cerca de 0,3% e menos de 0,1% do total, respetivamente — mas, Portugal não passa à margem do conflito. Bruno Fernandes destaca o “aumento dos preços da energia e as consequências que terá no aumento transversal dos preços no consumidor (ou seja, na inflação), diminuindo o poder de compra das famílias, o que pode refletir-se numa diminuição do consumo, logo, num menor crescimento económico”. Também Mária Rodrigues alerta que “a subida dos preços da energia deverá agravar a fatura das famílias e penalizar o consumo”. Ao mesmo tempo, “o agravamento das restrições nas cadeias de produção poderá condicionar as exportações”, acrescenta. Para Pedro Brinca, a interrupção do fornecimento de gás natural e petróleo à Europa por parte da Rússia “é uma possibilidade bastante forte”, cenário que “lançará uma crise energética acentuada na Europa”.

Em fevereiro, a inflação atingiu 5,8% na zona euro — muito acima dos 2% de referência do Banco Central Europeu (BCE) — e 4,2% em Portugal, o valor mais alto desde 2011. “A subida dos preços da energia deverá agravar significativamente as pressões inflacionistas, reduzindo a capacidade do BCE para manter uma política monetária acomodaticia, o que poderá ter efeitos adversos sobre a atividade económica”, diz Mária Rodrigues. Para Pedro Brinca “torna-se cada vez mais provável uma aceleração dos custos unitários do trabalho por via de renegociação salarial, que, a materializar-se, poderá motivar uma intervenção mais robusta do BCE para ancorar as expectativas”. Dado o nível de dívida pública e privada em Portugal, “uma subida acentuada dos juros será um teste difícil de resiliência ao sistema financeiro. Se o BCE tiver de recorrer a um aumento significati-

#### NÚMEROS

**0,3%**

foi o peso da Rússia nas exportações portuguesas de bens em 2021; a Ucrânia valia menos de 0,1%

**5,8%**

é o valor da inflação na zona euro em fevereiro, um máximo histórico

**4,2%**

foi a inflação em Portugal em fevereiro, medida pelo IPC, a mais alta desde 2011. Medida pelo IHPC (referência na Europa) atingiu 4,4%

vo das taxas de juro, não me chocaria a taxa de crescimento viesse para menos de metade do previsto”, alerta o economista.

João Borges de Assunção, economista e professor da Católica-Lisbon, aponta, contudo, como provável consequência da guerra “uma mais lenta normalização da política monetária nos Estados Unidos e na Europa”, ou seja, da subida dos juros. Já para Paula Carvalho, “só por efeito da escalada dos preços da energia, que podemos já considerar incontornável, a inflação deverá manter-se elevada durante mais tempo que o esperado. A médio prazo, o presente choque pode vir a revelar-se deflacionário, por fragilidade da procura”.

É preciso ter ainda em conta “o efeito que a guerra terá nos principais parceiros comerciais de Portugal”, diz Bruno Fernandes. Portugal “sofre” sempre por arrasto. A Alemanha importa 55% e a Europa 40% do gás natural da Rússia, por exemplo. Se a Europa abrandar significativamente terá um efeito negativo na economia portuguesa”, avisa Pedro Brinca. “Os estudos sugerem uma redução em baixa entre um ou dois pontos no nível do PIB esperado em 2022. Mas é tudo ainda especulativo”, aponta João Borges de Assunção.

Contudo, “a guerra poderá desviar mais turistas do norte e centro da Europa para o sul da Europa, contribuindo para um aumento das exportações”, frisa Bruno Fernandes. Mária Rodrigues concorda: “O facto de Portugal estar geograficamente afastado do cenário de guerra poderá beneficiar o turismo, bem como eventuais necessidades de realocação nas cadeias de produção de multinacionais presentes em Portugal, que têm forte presença na Europa de Leste”. Seriam boas notícias para um sector com forte peso na economia e que ainda está a recuperar da crise pandémica.

SÓNIA M. LOURENÇO

slourenco@expresso.impresa.pt

## Portugal fora do radar russo

**Não há investimento direto russo relevante em Portugal, nem se espera grande impacto no turismo. Imobiliário é que mais atrai**

A Rússia não é um grande parceiro comercial de Portugal, nem um investidor relevante — os negócios são pontuais e pouco visíveis. “Na área industrial não há investimento direto russo relevante em Portugal. Houve nos últimos anos algumas abordagens de potenciais investidores russos na área da energia, mas não passaram de intenções que não se concretizaram”, explicou ao Expresso, Eurico Brilhante Dias, secretário de Estado da Internacionalização. O grande investimento russo em Portugal é no imobiliário e é feito no contexto dos vistos *gold* — foram dados 430 vistos a cidadãos russos, num investimento de €277 milhões. No turismo, o investimento russo é pontual e disperso. E como a TAP não voa para Moscovo, desde o início da pandemia, o efeito sobre a companhia é nulo. “É recorrente surgirem rumores de que existem russos a investir no turismo, mas falando de grandes projetos concretizados, não conheço nenhum”, adianta Eduardo Abreu, sócio da Neoturis, consultora especializada em turismo. Além de “casos pontuais”, como o Hotel Albatroz em Cascais, que em 2014 foi vendido pela família Simões de Almeida ao empresário russo Leonid Ranchinskiy, gestor da Explorer Overseas, “não é significativo o investimento de grupos russos no turismo nacional”. Não é visível nem em hotéis na área de Lisboa, zonas “quentes” e que estão no radar de promotores internacionais, como é o caso da Comporta. Mesmo na altura em que houve uma “corrida” aos ativos turísticos que em Portugal ficaram descapitalizados, e foram parar a fundos como os da ECS, não foi notória a presença ou o interesse de investidores russos, destaca ainda o consultor da Neoturis. Também o presidente da Associação de Iloités e Empreendimentos Turísticos do Algarve (AHETA), Helder Martins, avança que o investimento russo na região “não tem expressão”. “Russos como turistas, e com casa cá, isso realmente há”, constata o presidente da associação hoteleira do Algarve.

Os principais destinos turísticos em Portugal, Algarve e Madeira, não registam, até ao momento, efeitos diretos de relevo associados à invasão da Ucrânia pela Rússia. “O turismo russo para o Algarve não tem expressão. E não temos nenhum *feedback* no sentido de haver impactos com esta situação a nível de cancelamentos de outros mercados”, adianta Helder Martins. Para o Algarve, o efeito diretamente mais sentido incidu na rota de Kiev para Faro prevista para esta época alta de 2022, com voos programados para julho, agosto e setembro do operador ucraniano Sky Up, e que devido às circunstâncias atuais já não se vai poder concretizar. Na Madeira, “não temos conhecimento de impacto direto” de cancelamentos de mercados “assustados” com a situação de guerra, diz Jorge Veiga da França, presidente da Associação Comercial e Industrial do Funchal (ACIF) — advertindo que “há preocupação, ninguém sabe o que vai acontecer, e a continuar em escalada pode vir a suscitar problemas em alguns mercados emissores para a Madeira”.

ANABELA CAMPOS

econceicao@antunes

acampos@expresso.impresa.pt